

Gustavo e João Marcondes, irmãos à frente da Marcondes & Co.

a partir de vínculos com lugares, pessoas e experiências. O disco, nesse sentido, não é apenas uma gravação: pode ser lembrança familiar, registro cultural e porta de entrada para uma história que talvez não esteja mais disponível em nenhum outro lugar.

Gabriel também percebe um crescimento na procura por discos e CDs. Para ele, parte desse movimento está relacionada à própria instabilidade do consumo digital. Serviços de streaming dependem de catálogos que podem mudar e de direitos autorais que podem retirar determinadas produções das plataformas. Ao mesmo tempo, existe a experiência proporcionada pelo objeto físico. “Tem a questão da arte, do som também, tem aquela coisa do ritual de você pôr um disco para tocar”, afirma. Sem entrar na discussão técnica sobre qual formato oferece a melhor qualidade sonora, ele resume sua preferência de maneira pessoal: “Eu sinto que é melhor, eu gosto mais”.

De coleção a negócio

Na Marcondes & Co., a relação com os discos nasceu dentro de uma família acostumada a colecionar objetos culturais. João e Gustavo Marcondes cresceram entre livros, filmes, DVDs e discos, em uma casa onde os quatro irmãos e os pais compartilhavam o hábito de colecionar. Os dois são jornalistas e, há cerca de 12 anos, começaram a frequentar as primeiras feiras de discos de Brasília, quando o circuito ainda era pequeno e reunia, principalmente, colecionadores homens e mais velhos.

João, 50, conta que, no início, os irmãos começaram a vender os próprios discos que já não queriam manter, como uma espécie de hobby. Com o tempo, perceberam que o mercado estava crescendo e que a atividade poderia se transformar em uma fonte de renda. “Há sete anos, a gente já estava robusto o suficiente para abrir uma loja, para partir para essa aventura”, conta. Antes da loja, os irmãos passaram a trabalhar nas feiras e chegaram a organizar eventos no Conic, acompanhando de perto a expansão do público interessado no formato.

Para Gustavo, 47, porém, a história começa antes do comércio. Segundo ele, a família nunca deixou de colecionar discos, mesmo durante o período em que o vinil perdeu espaço para o CD. Entre os anos 2000 e 2010, quando os LPs tinham pouco valor comercial, os irmãos continuaram comprando porque eram baratos. “Na verdade, nosso interesse sempre foi pela música, né? Mais do que por discos”, afirma. Na adolescência, os CDs eram mais presentes, justamente por serem a tecnologia em evidência, mas o interesse pela música permaneceu como ponto central.

Foi nas primeiras feiras de Brasília, entre 2012 e 2014, que o hobby começou a ganhar outra dimensão. Gustavo, que na época ainda trabalhava no **Correio Braziliense**, deixava o plantão e corria para participar dos encontros. Aos poucos, os irmãos perceberam que havia uma possibilidade financeira naquele mercado. As feiras cresceram, eles passaram



Marcelo Ferreira/CB/D'A Press



Paêbiru, de Lula Cortês e Zé Ramalho. Disco faz parte da coleção de Gustavo Marcondes



Box Bob Dylan: The Original Mono Recordings, da coleção de Gustavo Marcondes



Disco Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus Cantando Suas Composições

de participantes a organizadores e, segundo Gustavo, o negócio se desenvolveu naturalmente até o momento em que decidiram levá-lo a sério.

A relação dos irmãos com os discos também aparece nas coleções particulares. João conta que tem pouco mais de mil exemplares e destaca uma coleção de Jorge Ben Jor, com discos originais de época dos anos 1970, entre os itens de que mais gosta.

Gustavo mantém um acervo maior, com cerca de 1.500 discos, embora diga que faz bastante tempo que não compra. Entre os conjuntos que mais aprecia, estão as coleções de Bob Dylan e Rolling Stones. O interesse também se volta para os discos raros de música brasileira, especialmente aqueles que não

tiveram grande sucesso quando foram lançados, mas acabaram redescobertos posteriormente por colecionadores brasileiros e estrangeiros.

Um dos exemplares que guarda é *Paêbiru*, de Zé Ramalho e Lula Cortês, considerado por ele um dos discos mais míticos da música brasileira. A raridade está ligada também à história de sua tiragem: uma enchente destruiu grande parte dos exemplares, fazendo com que os que sobreviveram se tornassem especialmente procurados. Para Gustavo, esses discos mostram como o mercado pode mudar o valor de uma obra ao longo do tempo. Um álbum pouco valorizado no lançamento pode se transformar, décadas depois, em peça disputada por colecionadores.